

Tecnologias multimidiáticas e percepção corporal nas culturas populares afro-latino-americanas¹

Dennis de Oliveira²

Valdemar Siqueira Filho³

Dr. Dennis de Oliveira⁴

Dr. Valdemar Siqueira Filho⁵

Resumo:

As culturas populares afro-latino-americanas têm, dentro da sua diversidade, alguns elementos que as particularizam. Um deles é a percepção corporal de uma forma não seccionada da mente ou espírito, ao contrário de outras tradições culturais, em particular aquelas marcadas pelo logocentrismo. Esta percepção holística de corpo permite a estas culturas terem uma relação mediada e não oposta com a tecnologia, razão pela qual é necessário perceber outras potencialidades de uso destas tecnologias a partir destas singularidades culturais.

Palavras-chave: 1 -- corpo e culturas populares processos mediáticos e culturais; 2 - corpo, tecnologia e cultura popular, 3 - tecnologia multimídia e América Latina

1. As tecnologias da comunicação como extensão dos sentidos

A definição de Marshall McLuhan⁶ para tecnologias da comunicação nos parece bem apropriada para discutir as relações estabelecidas entre o desenvolvimento dos sistemas mediáticos e a percepção do corpo humano. Para o teórico canadense, as tecnologias da comunicação operam como extensão dos sentidos humanos. A comunicação humana opera-se por mecanismos de expressão e percepção. Num primeiro momento, esta comunicação ocorre pela expressão da voz e/ou por gestos e percepção auditiva e/ou visual. É evidente que um processo comunicativo neste nível será limitado temporal e espacialmente pelo alcance destas propriedades de expressão e percepção do corpo humano. Assim, as

¹ Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação (TLC).

² Professor da Escola de Comunicações e Artes da USP e Coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba e professor da Escola de Comunicações e Artes da USP. Líder do Grupo de Pesquisa “Processos Mediáticos e Culturais”

³ Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de Piracicaba. Membro do Grupo de Pesquisa “Processos Mediáticos e Culturais”.

⁴ Professor da Escola de Comunicações e Artes da USP e Coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba e professor da Escola de Comunicações e Artes da USP. Líder do Grupo de Pesquisa “Processos Mediáticos e Culturais”

⁵ Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de Piracicaba. Membro do Grupo de Pesquisa “Processos Mediáticos e Culturais”.

⁶ MCLUHAN, Marshall **Os meios de comunicação como extensões do homem**. S. Paulo: Cultrix, 1998

tecnologias de comunicação, num primeiro momento, expandem o alcance e a temporalidade destas propriedades.

Temos, então, que a escrita amplia a durabilidade da expressão (que não fica apenas restrita ao momento da expressão vocal) e altera a situação temporal entre as dimensões de emissão e recepção – elas acontecem em momentos distintos. Além disto, emissão e recepção não precisam acontecer em um mesmo espaço. Há, de fato, uma cisão – separação de espaço e de tempo entre emissão e recepção. Por esta razão, Adriano Rodrigues considera que a escrita surge com o momento em que a humanidade se organiza de forma sedentária, enquanto que a oralidade está vinculada ao caráter das sociedades nômades.

“A linguagem oral é caracterizada pela maneira direta de comunicação, garantia da coesão textual entre os membros da coletividade. O discurso falado é reprodução direta das regras necessárias à vida social; os laços sociais são mantidos estreitamente coesos, pela legitimidade religioso-mítica; o chefe é o seu representante, o profeta, o proclamador ocasional por ocasião dos momentos fortes da coletividade (caça, guerra, catástrofe natural, etc.)”⁷

Percebemos, nesta afirmação de Rodrigues, que há uma ligação íntima entre as formas de relacionamento social e estruturação dos grupos humanos com a percepção e, necessariamente, os formatos da comunicação. O próprio Rodrigues afirma que constrói esta concepção de processo de desenvolvimento das tecnologias de comunicação com base no conceito de comunicação de Jakobson⁸ (O QUAL) que afirma que todo processo comunicacional é composto por um eixo dos protagonistas (emissores e receptores), um eixo do objeto (que articula a mensagem com o código utilizado na expressão) e um eixo da referência (articulação do contato entre os protagonistas com o contexto social).

Com estas definições conceituais – as tecnologias como extensão dos sentidos humanos (McLuhan); a articulação destas tecnologias com as formas de organização da humanidade e, conseqüentemente, sua percepção – partimos da premissa que as tecnologias estão inseridas em contextos culturais. Assim, se estas tecnologias implicam em extensão de propriedades corporais e também estão inseridas na cultura em contextos culturais, a conclusão lógica disto é que a percepção corporal é cultural e mediada pelas tecnologias comunicacionais. É dentro deste campo que analisaremos as relações entre tecnologias comunicacionais e corpo.

⁷ RODRIGUES, Adriano. **A comunicação social: noção, história e linguagem** Lisboa, Vega, s/d, p. 30

⁸ JACKOBSON, Roman. **Essais de linguistique générale**. Paris: Minuit, 1970.

2. Máquinas semióticas: formas de pensamento

Segundo Arlindo Machado, as tecnologias comunicacionais não apenas são formas de estender os sentidos, mas também formas novas de pensamento intelectual. Esta definição é importante porque sai apenas do aspecto sensorial aparentemente presente na definição de McLuhan e foge da possibilidade de que uma nova técnica implique, necessariamente, uma regressão do pensamento.

*"Inventar uma máquina significa, para Simondon, dar forma material a um processo de pensamento. Há, portanto, inteligência inscrita, por exemplo, na câmera cinematográfica que corresponde a uma potencialidade técnica de se tornar sensível a duração, de dar forma às impressões de tempo e de representar a velocidade, independente do que ela filma ou de quem a utiliza."*⁹

No caso das chamadas "máquinas semióticas", ou as tecnologias específicas de comunicação, Machado precisa mais sua definição:

*"As máquinas - sobretudo as máquinas semióticas, ou seja, aquelas dedicadas prioritariamente a tarefa de representação - desempenham papel fundamental na atividade simbólica do homem contemporâneo porque elas têm uma eloqüência própria que pode ser, inclusive, mais decisiva que a utilização particular que lhes dá cada um dos seus usuários"*¹⁰

Estas duas definições mostram que o ser humano vai modificando sua forma de construir seu pensamento, pelas alterações tanto na forma de percepção como na de representação. Com isto, chegamos a idéia de consciência de Bakhtin que "*adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais*".¹¹ Ou então, no dizer de Debray que define a midiologia como o estudo das mediações pelas quais uma idéia se transforma em força material.¹²

Com todas estas afirmações, chegamos ao ponto que há um processo cultural de transformação tecnológica que implica em mudanças na forma de perceber e representar simbolicamente a realidade, que altera o processo de constituição das consciências e que, dialeticamente, vai operar nas formas de aproveitamento diferenciado destas tecnologias

⁹ MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário*. S. Paulo:.. Edusp, 2001, p. 34

¹⁰ Idem, p. 34

¹¹ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. S. Paulo: Hucitec, 1992, p. 35

em cada cultura tendo, como referência, elementos culturais da forma como o ser humano percebe a si próprio.

Não há uma determinação *a priori* da tecnologia sobre a percepção de si (o que implicaria, em última instância, em uma *ditadura* da tecnologia, em uma situação de criatura dominando o criador) e nem tampouco o inverso, a tecnologia como mero objeto (o que implicaria em uma visão funcional e ingênua da técnica, apenas como satisfação de necessidades humanas). A tecnologia não está acima ou abaixo da referência cultural, mas sim *faz parte* dela – ela não é apenas a máquina no seu sentido funcional, mas também, e principalmente, a síntese das alterações de percepção e representação que o ser humano cria em cada momento da sua história. Por isto, tratam-se de formas de mediação que transformam idéias em força material.

3. As esferas de mediação da imagem

Debray propõe uma periodicização das formas de percepção da imagem a partir das inovações tecnológicas. Em cada um destes períodos, ele aponta um princípio de eficiência, uma modalidade de existência, um referente crucial, um contexto histórico, uma deontologia, um ideal e norma de trabalho, um horizonte temporal, um modo de atribuição, um objeto de culto, um continente ou região de origem do período, um modo de acumulação, uma aura, uma tendência de anomalia patológica, uma forma de olhar e as relações mútuas. A tabela elaborada por Debray¹³ é a seguinte:

<i>A imagem na...</i>	Logosfera (após a escrita)	Grafosfera (após a imprensa)	Videosfera (após o audiovisual)
<i>Princípio de eficiência</i>	Presença (A imagem é vistosa)	Representação (A imagem é vista)	Simulação (A imagem é visionária)
<i>Modalidade de existência</i>	Viva (A imagem é um ser)	Psíquica (A imagem é um objeto)	Virtual (A imagem é uma percepção)
<i>Referência</i>	Sobrenatural (Deus)	Real (Natureza)	Performance (Máquina)
<i>Contexto histórico</i>	Magia a religião	Religião à história	História à técnica
<i>Deontologia</i>	Externa (teologia para a política)	Interna (autonomia administrativa)	Local (Gestão tecnológica)
<i>Ideal e norma de trabalho</i>	Celebração	Crença	Produção
<i>Horizonte temporal</i>	Eternidade	Imortalidade	Atualidade

¹² DEBRAY, Régis. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993

¹³ DEBRAY, Régis. *Vie et mort de l'image*. Paris, Galimard, 1992, pp. 292-293

	(repetição)	(tradição)	(inovação)
<i>Modo de atribuição</i>	Coletivo/Anônimo	Pessoal/Assinado	Espetacularizado (grife, logo, marca)
<i>Objeto de culto</i>	O santo	O belo	O novo
<i>Região originária</i>	Ásia (Bizâncio)	Europa	Estados Unidos
<i>Modo de acumulação</i>	Público	Particular (a coleção)	Privado/Público (reprodução)
<i>Aura</i>	Carismática	Patética	Lúdica
<i>Anomalia patológica</i>	Paranóia	Obsessão	Esquizofrenia
<i>Forma de olhar</i>	Através da imagem	Mais que a imagem	Apenas a imagem
<i>Formas de conflitos</i>	Intolerância	Rivalidade	Concorrência

Aplicando estas referências de imagem ao corpo, o ser humano percebe o seu corpo dentro de um contexto de produção, performance, lúdico e de busca do novo no período da videosfera. Estas referências muitas vezes são contrapostas às da grafosfera, como, por exemplo, na trama do filme *Blade Runner*, de Ridley Scott, em que os seres chamados de replicantes sintetizam os valores da videosfera – são bonitos, novos, produtivos, fortes, lúdicos, gestados tecno-economicamente (foram fabricados e concebidos por uma empresa gigante da tecnologia – fusão da competência tecnológica e econômica), seus comportamentos são espetacularizados e exibem uma grife (da corporação que os criou, a *Tyrrel Corporation*) e apresentam comportamentos esquizóides. O grande conflito interno que move estes personagens na trama é a busca da *durabilidade*, o que implicaria entrar em um outro universo de referências.¹⁴

Mas Debray nos aponta uma outra questão: que o período da videosfera está em crise. Segundo ele, há vários paradoxos nesta etapa, entre elas a própria banalização da imagem que, muitas vezes, nos faz recuar para os elementos da grafosfera como referências de superação. O problema é que as referências do período anterior, ao contrário de serem negadas, são reposicionadas e, até mesmo, potencializadas pelas formas de mediação da videosfera. Basta ver, por exemplo, como as religiões cristãs se ocupam das novas tecnologias de comunicação e potencializam os seus discursos utilizando os novos referenciais da imagem. A *crença* não é negada pela *produção*, mas reposicionada e potencializada em outras bases.

¹⁴ Para uma análise mais completa do filme *Blade Runner*, ler HARVEY, David. **Condição pós moderna**. S. Paulo: Loyola, 1998, esp. pp. 277-291

As críticas que se faz a este período com base em referências passadistas perdidas de período passado passam contestam a idéia de que não havia problemas nos períodos anteriores. Assim, consideramos interessante a idéia de Wilton:

“ Já não é mais a palavra, já não é mais a imagem. Nós já estamos dentro do que se chama de multimídia. (...) A idade da imagem eletrônica é caracterizada, sobretudo, pelo que chamamos de necessidade de representação: não importa o que, importa representar. Talvez por isto a imagem tenha seduzido tanto. (...) Nos dias atuais, essa contraposição palavra escrita/imagem analógica também se desdobra nesta terceira fase, que chamamos de multimídia.”¹⁵

As relações entre os elementos da grafosfera e da videoesfera constroem os patamares para a constituição deste novo período que chamamos de multimídia que não pode ser vista apenas como uma justaposição da escrita, imagem fixa, imagem em movimento e som, mas como a construção de uma nova linguagem, híbrida, combinada a partir destas.

4. Os problemas de adequação da tecnologia para a cultura

Se, para Debray e outros autores, os Estados Unidos são a referência para o período da videoesfera e a Europa, para a grafosfera, defendemos a idéia de que as culturas populares afro-latino-americanas são as que mais se aproximam das perspectivas valorativas da idade multimídia. Isto porque tais culturas, na visão de vários autores, em particular Garcia Canclini¹⁶, destacam no caráter híbrido de tais culturas no que se refere a sobreposição entre tempo, espaço, oralidade, corpo, como elementos fundamentais para a linguagem das novas tecnologia destas culturas, apontam nesta direção.

Se, no ocidente, nas.

No ocidente diferentemente produção do conhecimento prevaleceu a corrente o conhecimento advinda da cultura grega e romana, apoiada na performance discursiva aristotélica e na perspectiva teleológica para alcançar um objetivo a partir do desenvolvimento linear e acumulativo,. A a história deste pensamento configurando-se como uma importante ferramenta para a enfatizar a racionalização do conhecimento

¹⁵ WILTON, Mauro. *Novas linguagens*. S. Paulo: Salesiano, 2001, pp. 12-13

ocidental, ou seja, para restringir a realidade em uma coerência lógica explicativa. que serviu posteriormente como elemento de legitimação para o desenvolvimento da revolução industrial, a partir do imaginário de progresso irreversível e infinito acumulativo.

Na década de 1930 Russell¹⁷ alertava Entretanto, cabe destacar que sempre existiram para as críticas acumuladas nessa civilização sobre este tipo de formas de produção organização do conhecimento, indicando, Russell¹⁸, desde a década de 1930, alertava :

:

A história da Europa nos últimos quatrocentos anos tem sido de crescimento e decadência simultâneos: decadência da velha síntese representada pela igreja católica, e crescimento, ainda que bastante incompleto até aqui, de uma nova síntese baseada no patriotismo e na ciência.

Divergentes abordagens sempre concorreram com essa racionalização, mas sempre estiveram relegadas a um segundo plano por serem inadequadas ao projeto único de sociedade que estava sendo implantado ou ainda, por configurarem-se apenas no plano argumentativo e não materializando-se como de projetos alternativos capazes de receber acolhimento da sociedade.

Uma característica marcante deste pensamento era a fragmentação do conhecimento como método de análise foi a principal contribuição do. O cartesianismo, foi sua principal influência. Morin¹⁹ afirma que a consequência de aplicação desse método no ocidente resultou ocasionou na separação entre o objeto de pesquisa e o pesquisador negando a necessária relação existente entre ambos, tornando o conhecimento, ao mesmo tempo, neutro com relação ao estabelecimento da autocrítica e também, distante dos vínculos com a cultura a que pertence.

Sobre a relação inseparável entre a cultura e o conhecimento produzido, Pignatari²⁰ oferece um exemplo esclarecedor com relação a produção de imagem

:

¹⁶ GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1990

¹⁷ RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 132.

¹⁸ RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002 Idem, p. 132.

¹⁹ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Portugal: Ed. Instituto Piaget, 2001, p. 16.

²⁰ PIGNATARI, Décio. **Letras, artes e mídia**. São Paulo: Globo, 1995, p. 168.

A câmara é um simulacro do olho... ocidental. Se os chineses tivessem inventado a fotografia, provavelmente teriam desenvolvido câmaras decodificadoras do real em perspectiva axionométrica, ou paralela, sem ponto ou pontos de fuga, geradores de perspectiva segundo o ponto-de-vista, tal como é a criação-tradição do Ocidente, desde o Renascimento .

O conhecimento produzido, portanto nasce da relação existente entre a cultura, a informação e o meio ambiente. Não é sem motivo que, no ocidente, para representar a imagem criamos a técnica do ponto de fuga como um simulacro que traduzia matematicamente, ponto por ponto, o mundo tridimensional para o plano bidimensional, restrito entre a largura e a altura, bem ao gosto da racionalização ordenativa.

Em toda a história da humanidade, a necessidade de adequação de um conhecimento ou de uma técnica a cada contexto particular ocorreu também como denúncia de seus limites e precariedades, reivindicando o uso da tradução científica²¹ como busca de acomodação diferenciada para novas realidades.

Na história da colonização do Brasil, no que tange a resistência a chegada de novas técnicas é ilustrativa, pois Holanda²² aponta para várias práticas utilizadas pelos portugueses que incorporavam conhecimentos locais, utilizando-se de tecnologias à primeira vista rudimentares, entretanto mais adequadas às exigências do meio ambiente. Assim, como a navegação dos rios, que contavam com inúmeras cachoeiras, e a mata fechada em seu contorno impossibilitava a utilização de barcos tradicionais, grandes e pesados. A observação da experiência nativa apontava que: “A construção pouco dispendiosa das canoas de casca de árvore permitia que fossem abandonadas, sem maior prejuízo, onde quer que se tornassem inúteis.”

A tradução de um conhecimento para um outro contexto implica necessariamente sua adequação. No caso exposto, denuncia a apropriação da informação disponível, no sentido de utilizá-la e esse conhecimento para alcançar a rápida e sua eficácia, e a exploração das riquezas do lugar. Caso contrário, a utilização e manutenção da tecnologia dita mais atualizada, que provinha do projeto civilizatório europeu, consistiria figurar apenas em total sua inutilidade para a organização do projeto colonizador.

²¹ PINHEIRO, Amálio. *Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça*. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p.48.

²² HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 20

Holanda²³ mostra que as intervenções realizadas na exploração de nosso território apontavam uma prática imediatista no enfrentamento dos obstáculos geográficos a serem vencidos, o que ressalta a perspectiva de adequação a informação local:

Em certos casos, para superar tais obstáculos, era bastante improvisar simples estivas ou pinguelas, fabricadas comumente de um tronco único. A construção de pontes menos toscas era impraticável, fora das zonas habitadas. E mesmo nesses lugares, os estragos freqüentemente causados pelas chuvas, pelo gado e também pelas queimadas – se não existissem bons aceiros – tornavam difícil e onerosa sua conservação.

Através destes exemplos, buscamos mostrar a importância dos fatores culturais, tecnológicos e informacionais para a viabilização e a aplicação do conhecimento e da tecnologia, pois ou eles sofrem a ação tradutória de um determinado contexto ou tornam-se inoperantes e sem sentido. Um exemplo mais recente dessa história aponta o projeto de desenvolvimento da Amazônia, feito a partir de 1970, para construir a auto-estrada Transamazônica, que atualmente encontra-se hoje, quase totalmente engolida pela floresta.

5. Culturas populares afro-latino-americanas e corpororiedade

Os termos tecnologia e corpo respondem a distintas conceituações a partir da área escolhida para o desenvolvimento da produção científica, neste artigo abordaremos os significados que lhes são atribuídos sob uma abordagem cultural da Teoria da Informação²⁴ tratada como estudo dos elementos formais e estruturais da organização das mensagens. Esta escolha corresponde a necessidade de colocar em dialogo distintos sentidos que nas ultimas décadas com o desenvolvimento bio-tecnológico ganha no cenário mundial, m destacando-se que ora críticas messiânicas, ora apocalípticas com relação a sua influência em cada cultura no cenário mundial.

Na América Latina, a experiência de construção do novo continente forjado pela mestiçagem cultural, reivindicou desde sempre, a adequação dos conhecimentos tecnológicos existentes para este contexto, misturando técnicas européias com as culturas

²³ Idem HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p.21.

²⁴ PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1988. pág. 11

dos índios e africanos. Destaca-se nesse ponto a histórica utilização da prática nômade das queimadas²⁵ para realização do plantio, deixando em total abandono o arado como técnica do velho continente aqui considerada como que aviltante ao corpo, pois nesse continente o corpo tem significação de campo espaço sagrado .

Cabe, portanto, deslocar o eixo de discussão sobre a tecnologia de forma comparativa com o conceito de cultura que estamos utilizando, nesse aspecto, o pensador russo Iuri M. Lotman²⁶ afirma que: cultura é informação, portanto a tecnologia obrigatoriamente será traduzida distintamente pelos elementos informacionais encontrados em cada contexto., e em nosso caso o corpo não pode ser restringido a uma condição subalterna de meio para alcançar uma finalidade.

Podemos abordar agora algumas questões pertinentes a experiência cultural do corpo, já que, desde o Iluminismo, a Europa experimentou uma tradição fragmentadora, que separa mente e corpo, cabendo a primeira as funções nobres do ser humano, e para a segunda, apenas a condição de um simples suporte a vida.

A razão como produto dessa mente seria responsável pelo desenvolvimento da cultura e nesse sentido arquitetura-se uma armadilha que não é capaz de apontar a relação complementar entre corpo e conhecimento, entretanto sabemos que o processo de informação e escolha dos nutrientes necessários para a conservação do corpo realizado pelos órgãos e células é especializado e portanto responde a um mecanismo altamente inteligente²⁷

Na América e na África O clima, a região e os contextos históricos configuram-se como importantes informações que influenciam o corpo/mente em sua unidade inseparável. Se na Europa a disjunção separação destes elementos foi responsável pelo seu processo de avanço histórico, como também da crise potencializada na pós-modernidade que destrona essa racionalidade, destronada colocando ou em evidência uma nova perspectiva de corpo que a muito tempo orienta culturas, consideradas de forma simplista como subdesenvolvidas. ainda tem causado muita resistência.

²⁵ HOLANDA, Sergio, **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pág. 68

²⁶ PIRES, Jerusa. **Cultura é memória** Revista USP n. 24. São Paulo, dezembro-fevereiro. 1994 – 1995. pág 116

²⁷ BAITELLO JR. Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997. pág. 11 SEBEOK

Na América Latina, por exemplo, a mestiçagem cultural já citada, enfocou a centralidade do corpo na cultura de forma totalmente distinta, afirmando uma relação de acolhimento não racionalista que articulava novamente a mente ao corpo.

O ensaísta Antonio Candido²⁸ atribui ao nosso continente a designação de cultura nômade que significa uma forma organizativa de sociedade em perpétuo movimento, a ela interessa sempre o novo, a descoberta e, portanto, a existência de um corpo aventureiro que não se submete-se à cômoda imobilidade institucionalizante.

O hibridismo cultural responsável pela formação de nossa sociedade fez permanecer um sentido próprio vindo das culturas africanas e indígenas nas quais o corpo é reconhecido como campo sagrado, podendo ser observado nos rituais religiosos em nosso continente quando no catolicismo o ato puramente contemplativo é atualizado em performances nômades do corpo que acolhe o sentido da fé nas romarias, no ato de beijar os santos e traduzir as crenças em inúmeros festejos pagãos populares.

Nessa perspectiva o corpo é tratado como elemento em relação dialógica com a cultura de uma nação, e essa cultura é orientadora da produção e assimilação das novas tecnologias²⁹ compondo uma rede informacional que sustenta a necessidade de atualização constante da cultura para que ela permaneça viva, caso contrário nos depararíamos com a sua obsolescência e morte.

O corpo e a cultura só podem existir a partir da atualização permanente de informações, atualizações que deslocam historicamente as velhas tradições esses conceitos colocando-as em crise, palavra que significa na cultura oriental, ao mesmo tempo, perigo e oportunidade, portanto a tecnologia é apenas uma ferramenta potencializadora para a inovação cultural desse processo.

Discordamos de certas concepções eurocêntricas passadistas que absolutizam o desenvolvimento da tríade: cultura - corpo - tecnologia como um caminho inexorável para a barbárie, pois como afirma Raymond Williams³⁰ a vida no campo não era nada eidílica,

²⁸ CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2001. pág. 88

²⁹ SANTAELLA, LUCIA. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004. pág. 147 WIENER

³⁰ RAIMOND Willans, **Campo e Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pág. 358

certamente, por essa razão, buscamos alguns avanços que culminaram com a organização das denominamos cidades.

6. A cultura e a linguagem estética como mediadoras da tecnologia e o corpo

A especificidade da Reconhecer na América Latina reivindica reconhecer a especificidade de sua cultura destacando estratégias incorporativas que justificam a linguagem singularparticular de seu ecossistema³¹ enfatizada por meio de mecanismos estéticos-tradutórios que incorporam antropofagicamente³² as produções de outras culturas à nossa.

Essa linguagem possui uma estrutura, um tipo de paradigma que se repete e informa sobre a organização de seu conteúdo. Assim, ao tomarmos para nosso estudo a relação entre corpo e tecnologiainfluência, devemos reconhecê-la também na linguagem, que põe em correspondência o pensamento, o signo e a representação da realidade.

A linguagem é abordada por Wiener³³ como uma “metáfora” de um organismo que deve ser visto como mensagem. Ele propõe:

A minha tese é a de que o funcionamento físico do indivíduo vivo e o de algumas máquinas de comunicação mais recentes são exatamente paralelos no esforço análogo de dominar a entropia através da realimentação. Ambos têm receptores sensórios como um estágio de seu ciclo de funcionamento, vale dizer, em ambos existe um instrumento especial para coligir informação do mundo exterior, a baixos níveis de energia, e torná-la acessível na operação do indivíduo ou máquina. Em ambos os casos, tais mensagens externas são acolhidas em estado puro, mas por via dos poderes internos de transformação do aparelho, seja ele animado ou inanimado.

Destacamos a necessidade de reconhecer as características do que Wiener denomina “instrumento especial para coligir informação”, ou seja, os elementos culturais, presentes na linguagem, que tornarão inteligíveis as novas mensagens. Para o estabelecimento da lógica de funcionamento desse instrumento, tomamos a perspectiva estética latinoamericana como um elemento a ser observado em nosso continente..

Chamamos de perspectiva estética latinoamericana os traços que caracterizaram historicamente nossa cultura e que são designativos da mestiçagem, da pluralidade informacional, da individualidade e do senso de oportunidade. Todos esses fatores agem

³¹ MORIN, Edgar. *O Método IV. As idéias: a sua natureza, a vida, habitat e organização*. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.pág. 19

³² ANDRADE, Osvald. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1992. pág. 233

³³ WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 26.

sobre os elementos da linguagem, contribuindo para uma ordenação representativa da relação corpo e cultura de sua própria constituição.

Não é sem motivo que Lima³⁴ afirmará o desdobramento do barroco até suas últimas conseqüências, no território americano. Afinal, a potencialização de suas características pelo exagero, uso de contrastes, descentramento, emotividade e erotismo só poderia ocorrer em um lugar propício como . E a América latina mestiça. o nomadismo latinoamericano também trouxe sua influência nisso.

Nesse sentido essa cultura soubemos incorporar as informações vindas do exterior, o que significa ter alteridade para apropriar-se do que lhe seja estrangeiro para em seguida nho, recriarmos nossa cultura, fazendo dessa competência seu traço distintivo. Lima afirma:

As formas congeladas do barroco europeu, e toda proliferação expressa um corpo danificado, desaparecem na América nesse espaço gnóstico, que conhece por sua própria amplitude de paisagem, por seus dons sobranes. O simpatos desse espaço gnóstico deve-se ao seu legítimo mundo ancestral, é um primitivo que conhece, que herda pecados e maldições, que se insere nas formas de conhecimento que agoniza, tendo que justificar-se, contraditoriamente, com um espírito que começa.

Lima defende a proliferação qualificada do barroco, na América, devido a saberes ancestrais da cultura, do corpo e da técnica. Acreditamos que estes mesmos saberes estejam vinculados ao nomadismo como, traço referencial de todas as culturas em nosso continente e que confirmam a busca contínua de um “devir lezaminiano” permanentemente em aberto, que se opõe ao ideal estático afirmado pela idéia de origem ou essência.

Sarduy³⁵ aponta também afirma a influência do barroco na linguagem e na produção urbanística de nossas cidades, enfatizando:

... espaço urbano do barroco, onde a frase do descentramento se desenvolve ao mesmo tempo como repetição e como ruptura: também ele um espaço semântico, mas de modo negativo: recebendo o homem na sua continuidade e na sua monotonia não lhe garante qualquer inscrição simbólica; pelo contrário: ao mesmo tempo que o des-situa, o faz oscilar, o priva de qualquer referência a um significante autoritário

³⁴ LIMA, Lezama. *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 181.

³⁵ SARDUY, Severo. *O barroco*. Lisboa: Vega Universidade, 1989, p.63.

único, indicando-lhe a ausência de um lugar para si numa ordem da qual representa a uniformidade; este espaço é o da desapossessão.

Oscilar é um termo apropriado para descrever um latinoamericano, sua condição de movimento descentrado coloca-o na impossibilidade de simbolizar um fixamente um lugar ou um corpo, ou ainda a cultura. Seu texto, verbal ou não-verbal tem , que não seja por este viés errante, s. Sua linguagem se concretiza no espaço geográfico descentrado, dando-lhe significação própria. Segundo Lima: “Essa voracidade, esse protoplasma incorporativo do americano, tinha raízes ancestrais. Graças a essas raízes, legitimava-se a potência recipiendária do que é nosso”.

6. Ressemantização das tecnologias nas culturas populares afro-latino-americanas

A oposição mediação tecnológica e percepção corporal não existe no contexto cultural afro-latino-americano. O caráter multimidiático destas culturas combina a mediação tecnológica com o *estar junto* fisicamente. Como exemplo, temos a invasão dos jovens brasileiros no portal de comunidades virtuais Orkut. Criado pela empresa que administra o site de buscas Google, o Orkut é totalmente em inglês, surgiu nos Estados Unidos, o seu acesso só é possível por meio de convites e, segundo os últimos estudos, mais de 65% dos seus usuários são brasileiros. Se o inglês é o idioma “oficial” do Orkut, o “português” é o mais utilizado, o que causou até mesmo a criação de comunidades de norte-americanos intituladas “Eu odeio esta língua maldita” (o português) ou “Eu odeio esta invasão de brasileiros”. Um jovem norte-americano criou uma comunidade virtual de fãs de reggae e determinou que o idioma da comunidade seria o inglês. Não adiantou, a comunidade foi invadida por brasileiros que impuseram o português como idioma falado, a despeito dos protestos do criador e gerenciador da comunidade.

Porém, a questão que queremos levantar aqui é de outra natureza. Não é apenas a quantidade de brasileiros que invadiu o Orkut que demonstra uma simbiose dos valores culturais latino-americanos com as tecnologias multimídia, mas particularmente a *forma* como isto é usado. Observando as comunidades orkuteiras, a esmagadora maioria é formada por pessoas que **já se conheceram pessoalmente em outros momentos** (como, por exemplo, comunidades de ex-alunos de um determinado colégio ou faculdade, ou de empresas, grupos sociais), **se conhecem pessoalmente neste momento** (comunidades de

estudantes atuais de uma faculdade, pessoas que tomam o mesmo ônibus) **ou pretendem se conhecer futuramente** (pessoas que buscam novos amigos ou namorados, que querem trocar informações, etc.). Isto se percebe também em outras experiências de mediação tecnológica multimídia, como os blogs, chats, etc. As tecnologias multimídia potencializam os momentos de *estar junto* em que os corpos se tocam, se encontram. Não significam, necessariamente, um aumento do isolamento e, conseqüentemente, privatização e definhamento do corpo.

Porém, é importante ressaltar que a incorporação destes mecanismos de mediação por corporações empresariais sustentadas, atualmente, em uma lógica de concentração do capital impõe uma nova guerra de posições entre absolutizar o virtual (perspectiva hegemônica) e sacralização do corpo (perspectiva não hegemônica), deslocando – no sentido dado por Hall – a identidade da corporeidade. Desta maneira, a direção que apontamos é a necessidade de se discutir qual é a ressemantização do sentido de corpo dentro da perspectiva cultural afro-latino-americana dentro de uma sociedade que caminha para um aprofundamento das relações mediatizadas.

+++++

Toda cultura caracteriza-se pela heterogeneidade. Assim, não podemos absolutizar ou deixar de reconhecer diversos matizes e gradações, que proliferam na diversidade abrangente da palavra povo latino-americano. Neste sentido, vemos que toda a América absorveu elementos da cultura ocidental, mas que aqui eles correspondem apenas indiretamente, ou de forma analógica, às características produzidas pelo velho continente, pois segundo Holanda adquirimos apenas a forma da cultura européia, mas o conteúdo manteve-se nosso, mestiço e portanto distinto.

BIBLIOGRAFIA

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Osvald. **Estética e política**, São Paulo: Globo, 1992.
- BAITELLO JR. Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. S. Paulo: Hucitec, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2001.
- DEBRAY, Régis. **Curso de midiologia geral** Petrópolis: Vozes, 1993.
- DEBRAY, Régis. **Vie et mort de l'image**. Paris, Galimard, 1992.
- FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1990.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002
- HARVEY, David. **Condição pós moderna**. S. Paulo: Loyola, 1998
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- JACKOBSON, Roman. **Essais de linguistique générale**. Paris: Minuit, 1970.
- LIMA, Lezama. **A expressão americana**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário**. S. Paulo:Edusp..., 2001.
- MCLUHAN, Marshall **Os meios de comunicação como extensões do homem** S. Paulo: Cultrix, 1998

- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Portugal: Ed. Instituto Piaget, 2001.
- MORIN, Edgar. **O Método IV. As idéias: a sua natureza, a vida, habitat e organização**. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.
- PIGNATARI, Décio. **Letras, artes e mídia**. São Paulo: Globo, 1995.
- PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem, Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- HOLANDA, Sergio, **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PINHEIRO, Amálio. **Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça**. Piracicaba: UNIMEP, 1994.
- PIRES, Jerusa. **Cultura é memória**. Revista USP n. 24. São Paulo, dezembro-fevereiro. 1994 – 1995. pág 116.
- RAIMOND Willans, **Campo e Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RODRIGUES, Adriano. **A comunicação social: noção, história e linguagem** Lisboa, Vega, s/d,
- RUSSELL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SARDUY, Severo. **O barroco**. Lisboa: Vega Universidade, 1989.
- WIENER, Norbert. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- WILLIANS, Raymond, **Campo e Cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WILTON, Mauro. **Novas linguagens**. S. Paulo: Salesiano, 2001.
- ANDRADE, Osvald. **Estética e política**, São Paulo: Globo, 1992.
- BAITELLO JR. Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem** S. Paulo: Hucitec, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2001. SANTAELLA, LUCIA. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.
- DEBRAY, Régis. **Curso de midiologia geral** Petrópolis: Vozes, 1993.
- DEBRAY, Régis. **Vie et mort de l'image**. Paris, Galimard, 1992.
- FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1990.
- HARVEY, David. **Condição pós moderna**. S. Paulo: Loyola, 1998

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

JACKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1970.

LIMA, Lezama. *A expressão americana*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário*. S. Paulo:..., 2001.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Portugal: Ed. Instituto Piaget, 2001.

MORIN, Edgar. *O Método IV. As idéias: a sua natureza, a vida, habitat e organização*. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.

PIGNATARI, Décio. *Letras, artes e mídia*. São Paulo: Globo, 1995.

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1988.

HOLANDA, Sergio, *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PINHEIRO, Amálio. *Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça*. Piracicaba: UNIMEP, 1994.

PIRES, Jerusa. *Cultura é memória*. Revista USP n. 24. São Paulo, dezembro-fevereiro. 1994 – 1995. pág 116.

RAIMOND Willans, *Campo e Cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RODRIGUES, Adriano. *A comunicação social: noção, história e linguagem* Lisboa, Vega, s/d,

RUSSELL, Bertrand. *O elogio ao ócio*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SARDUY, Severo. *O barroco*. Lisboa: Vega Universidade, 1989.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1993.

WILTON, Mauro. *Novas linguagens*. S. Paulo: Salesiano, 2001.

Atualmente, vivemos um período de avanço científico e tecnológico caracterizado pela aproximação informacional de diferentes culturas, o que põem em colisão diversos pontos de vista sobre as conseqüências desse processo em relação ao nosso continente. Contra as visões apocalípticas que apregoam o fim dos Estados nacionais, Featherstone³⁶ argumenta:

É, pois, um equívoco conceber a idéia de uma cultura global necessariamente como um enfraquecimento comprometedor da soberania dos estados nacionais, que, sob o ímpeto de alguma forma de evolucionismo tecnológico ou de outra lógica fundamental, será necessariamente absorvida em unidades maiores e, com o tempo, num estado mundial que produz homogeneidade e integração cultural.

³⁶ FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 7

Cada povo usa sua autonomia na recepção de uma nova informação. Esse é o ponto de partida de qualquer processo que entra em contato com as práticas culturais já estabelecidas entre as nações. Assim, se a informação, o conhecimento e a própria tecnologia estão hoje disseminados por todo o globo terrestre, não podemos afirmar o mesmo sobre os mecanismos que justificam sua utilização distinta e particularizada em cada contexto.

A utilização do conhecimento e da sua aplicabilidade através da tecnologia sofrerá acomodações para se adequar ao meio ambiente e à cultura. E não há possibilidade de previsão de resultados, muito pelo contrário. Podemos obter respostas totalmente imprevisíveis, que não correspondam às expectativas previamente formuladas para aquele processo.